

Antes o mundo não existia

MITOLOGIA
DESANA-KEHÍRIPŌRĀ

NARRADA POR
UMUSĪ PĀRŌKUMU (FIRMIANO ARANTES LANA)
E TŌRĀMŬ KEHÍRI (LUIZ GOMES LANA)

Página anterior: desenho de Luiz Gomes Lana, Tōrāmŭ
Kehíri, destinado a ilustração do artigo *Chuvvas e conste-
lações: calendário econômico Desana* escrito por Luiz Lana
e Berta Gomes Ribeiro, publicado na revista *Ciência Hoje*,
v. 6, nº 36, em 1987.



primeira edição: Livraria Cultura Editorial. São Paulo, 1980
segunda edição revista: UNIRT/ FOIRN (Amazonas, 1995)
terceira edição revista © Dantes Editora, 2019
© *Tōrāmũ Kēhíri* (Luiz Gomes Lana)
www.dantes.com.br

edição: Anna Dantes
revisão geral: Cesar Baumann
ilustrações: *Tōrāmũ Kēhíri* (Luiz Gomes Lana)
preparação de originais, introdução e notas da primeira edição: Berta G. Ribeiro
revisão de originais e notas da segunda edição: Dominique Buchillet / ORSTOM-
-IRD, *Institut de Recherche pour le Développement* (França)

U48a

Antes o mundo não existia : Mitologia Desana-Kēhíripōrã / Umusĩ Pārōkumu (Firmiano Arantes Lana), Toramu Kehiri (Luiz Gomes Lana); ilustrações Toramu Kehiri. 3. ed. rev. e ampl.– Rio de Janeiro: Dantes Ed., 2019.

224 p. : il. ; 14 x 21 cm.
ISBN 978-85-86488-56-6

1. Mitologia indígena. 2. Mitologia Desana. 3. Narrativas indígenas.
4. Cosmogonia. 5. Amazonas. I. Título. II. Lana, Firmiano Arantes.
III. Lana, Luiz Gomes.

CDD 398.20981

NOTA EDITORIAL

A memória está em tudo e garante que nada se esqueça do que é. Seríamos um amontoado de elementos se o código genético não nos organizasse. A memória é o DNA. É também a continuidade das coisas, da pedra que é pedra, das marcas sobre a pedra, da água, da luz. A memória é o tempo, uma liga que sincroniza e aglutina a vida. A memória pode ser o que nunca acaba ou a lembrança de algo que não existe mais. A memória também é transformação. O mundo em que vivemos foi planejado no invisível, contam os Desana ou *Ūmũkomahsã*, “Gente do Universo”. Muitos se esquecem de onde vêm; os narradores sabem.

Umusĩ Pārōkumu, ou Firmiano Arantes Lana e seu filho *Tōrāmũ Kēhíri*, ou Luiz Gomes Lana, pertencem a um dos grupos de descendência dos Desana, os *Kēhíripōrã* ou “Filhos (dos Desenhos) do Sonho”. *Umusĩ Pārōkumu* era tuxáua e não falava português. Quando tinha 30 anos, *Tōrāmũ Kēhíri* resolveu passar para um caderno as histórias que seu pai sabia. Foi incentivado pelo padre Casemiro Beskta, que lhe entregou mais cadernos. Escreveu em desana e português. Enviou os originais para uma editora que nunca respondeu.

Em 1978, Berta Gleizer Ribeiro, durante uma viagem ao Rio Negro para pesquisar o trançado indígena, teve notícia de que dois índios Desana haviam escrito a mitologia de seu povo. Berta foi ao encontro deles no Rio Tiquié. Durante um mês e meio trabalharam juntos. Berta datilografou, revisou e reescreveu o texto desse livro. Ela conta essa história na introdução da primeira edição de 1980, reproduzida em parte na página 207.

Passados alguns anos, já sem exemplares do livro, *Tōrāmũ Kēhíri* manifestou seu desejo de publicá-lo novamente. Em 1995, com aprovação da FOIRN (Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro), *Antes o mundo não existia* é novamente editado, tornando-se o ponto de partida da coleção Narradores Indígenas do

Rio Negro, publicada pelo ISA – Instituto Socioambiental, e destinada prioritariamente ao público indígena da região. Organizada e revisada pela antropóloga francesa Dominique Buchillet em conjunto com Luiz Lana a partir do manuscrito original, a segunda edição inspirou-se na *Proposta para uma Grafia da Língua Tukano* elaborada por professores Tukano e a linguista Odile Lescure.¹

Alguns motivos foram essenciais para que a Dantes se tornasse editora deste livro: o aprendizado com o trabalho, desde 2011, junto ao povo Huni Kuĩ; a fotografia de Berta Ribeiro em 1947 com índios Kadiweu; e a leitura desta narrativa sobre o princípio dos tempos e a canoa da transformação. O povo Huni Kuĩ ensina sobre a floresta. A fotografia nos apresentou Berta e consequentemente sua imensa produção etnológica. Além disso, o título e a narrativa da obra guardam profunda relação com o próprio nome e a logomarca da editora, uma nave chamada Dantes sobre o símbolo do infinito (uma cobra).

Em 2018 convidamos Tōrāmũ Kēhíri, hoje com 74 anos, para vir ao Rio de Janeiro. Através de longas conversas estabelecemos algumas alterações referentes às edições anteriores. Substituímos os seguintes termos: *firmamento* por *céu*, *trevas* por *escuridão*, *demurgo* por *espírito*, *indolente* por *preguiçoso*, *cigarro* por *tabaco* ou *cigarro de tabaco*, *mágicas* por *espirituais*, *balão* por *esfera*, *torre* por *pico*, *pátio* por *terreiro*, *graus* ou *níveis* por *camadas*, *navio* por *canoa*, *comandantes* por *chefes*, *embarcação* por *canoa da transformação*, *ancestral* por *vovô* e *descendentes* por *filhos*. Retornamos também à opção da primeira edição quanto ao uso da palavra *enchente* no lugar de *dilúvio*.

Tōrāmũ Kēhíri criou novas ilustrações, respeitando integralmente a narrativa pictórica anterior. Ele desconhecia o paradeiro

1. Cf. Dominique Buchillet: “Ao longo do tempo, professores indígenas da região elaboraram outras propostas, introduzindo mudanças na grafia das várias línguas tukano orientais, incluindo a língua desana.”

das ilustrações anteriores (aquelas redesenhadas por Rodolfo Ta-deu Burgos que posteriormente localizamos no acervo de Berta Ribeiro no Memorial Darcy Ribeiro em Brasília, e onde também encontramos o desenho *homem vestindo pele da onça*, pág. 54). Com a intenção de facilitar o percurso da leitura, inserimos as novas ilustrações ao longo do texto e não mais no final como nas edições anteriores. Tōrāmũ Kēhíri realizou ainda novos desenhos, págs. 37 a 39. Dessa forma excluímos as legendas das edições anteriores.

Diante de palavras e nomes que aparecem tanto em desenhos quanto no texto, optamos pela grafia dos desenhos para que sejam melhor identificadas.

Decidimos, também, terminar o livro com a *História de Āgāmahsāpu, seguida da História dos Diroá e dos Koáyea*, como na primeira edição. Não mantivemos as três histórias incluídas na edição de 1995. Considerando que essas histórias não são acompanhadas de ilustrações e que, de qualquer forma, o livro não contempla toda a mitologia Desana, entendemos que elas podem abrir o caminho para que Tōrāmũ Kēhíri faça um novo livro.

Eliminamos, por solicitação de Tōrāmũ Kēhíri, alguns poucos parágrafos onde ele tentava sincretizar os mitos com a moral e a religião católicas.

Quanto as notas são, em sua maioria, as mesmas da segunda edição, selecionadas, por sua vez, entre aquelas publicadas por Berta Ribeiro (1980). As notas de nomes científicos de plantas e animais mencionados em desana que na primeira edição aparecem numa lista ao final do livro, nesta encontram-se ao longo do texto.

Cabe a nós agradecermos a todos os que trouxeram esta memória aos dias de hoje: a Digo Fiães, à Fundação Darcy Ribeiro, a Ana Luisa Chafir, à FOIRN e ao ISA, e, especialmente, a Beto Ricardo e Aloisio Cabalzar.

Convidamos, agora, leitores e leitoras para embarcarmos na canoa da transformação.

Origem do mundo e da humanidade



Primeira parte:
ORIGEM DO MUNDO

Antes o mundo não existia. A escuridão cobria tudo. Enquanto não havia nada, apareceu uma mulher por si mesma. Isso aconteceu no meio da escuridão. Ela apareceu sustentando-se sobre o seu banco de quartzo branco. Enquanto estava aparecendo, ela cobriu-se com seus enfeites e fez como que um quarto. Esse quarto chama-se *Uhtāboho taribu*, o “Quarto de Quartzo Branco”. Ela se chamava *Yebá Buró*, a “Avó do Mundo”, ou também “Avó da Terra”.





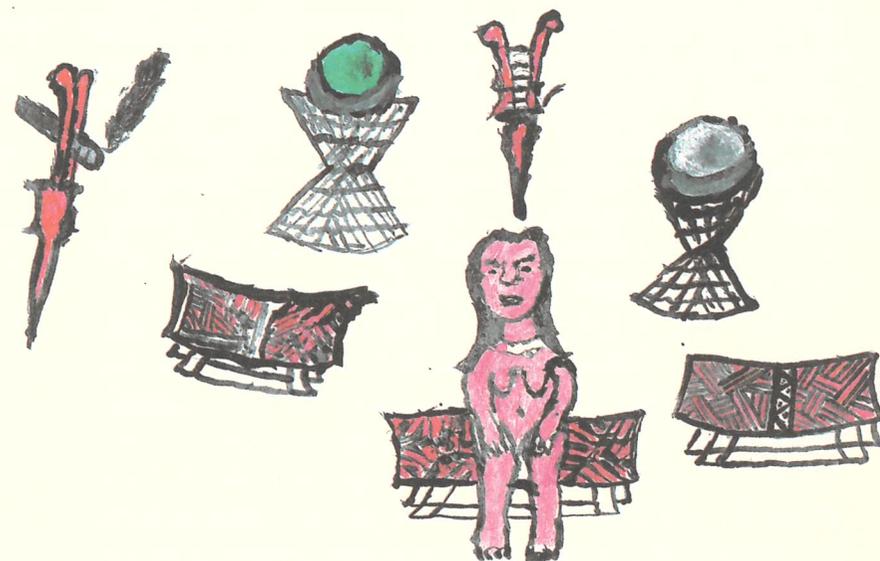
COMO ELA APARECEU

Havia coisas misteriosas para ela criar-se por si mesma. Havia seis coisas misteriosas: um banco de quartzo branco, uma forquilha para segurar o cigarro de tabaco, uma cuia de ipadu¹, o suporte desta cuia de ipadu, uma cuia de farinha de tapioca e o suporte desta cuia. Sobre essas coisas misteriosas é que ela se transformou por si mesma. Por isso, ela se chama a “Não Criada”.

Foi ela que pensou sobre o futuro mundo, sobre os futuros seres. Depois de ter aparecido, ela começou a pensar como deveria ser o mundo. No seu Quarto de Quartzo Branco, ela comeu ipadu, fumou tabaco e se pôs a pensar como deveria ser o mundo.

1. Ipadu = coca, em Língua Geral. Ahpĩ em desana.

Arbusto (*Erythroxylum coca var. ipadu*) cujas folhas são tostadas e socadas em pilão especial (ahpĩdeariru). São misturadas às cinzas de uma espécie de embaúba (ahpĩmoa “sal de ipadu”). O pó é mascado e engolido.



A CRIAÇÃO DO UNIVERSO

Enquanto ela estava pensando no seu Quarto de Quartzo Branco, começou a se levantar algo, como se fosse uma esfera e, em cima dela, apareceu uma espécie de pico. Isso aconteceu com o seu pensamento. A esfera, enquanto estava se levantando, envolveu a escuridão, de maneira que esta toda ficou dentro dele. A esfera era o mundo. Não havia ainda luz. Só no quarto dela, no Quarto de Quartzo Branco, havia luz. Tendo feito isto, ela chamou a esfera de Umuko wi “Maloca do Universo”. Ela o denominou como se fosse uma grande maloca. Este é o nome que ainda hoje é o mais mencionado nas cerimônias.

Depois ela pensou em colocar pessoas nessa grande Maloca do Universo. Voltou a mascar ipadu e a fumar tabaco. Todas essas coisas eram especiais, não eram feitas como as de hoje. Ela tirou então o ipadu da boca e o fez transformar-se em homens, os “Avós do Mundo” (Umukoñehkūsuma). Eles eram Trovões. Esses Trovões eram chamados em conjunto Uhtābowerimahsã , quer dizer, os “Homens de Quartzo Branco”, porque eles são eternos, eles não são como nós. Isso ela fez no Quarto de Quartzo Branco, no lugar onde apareceu. Em seguida, ela saudou os homens por ela criados, chamando-os Umukosurã , isto é, “Irmãos do Mundo”. Isto é, saudou-os como se fossem os seus irmãos. Eles responderam, chamando-a Umukosurãñehkō , “Tataravó do Mundo”, quer dizer que ela era avó de todo ser que existe no mundo.

Feito isso, ela deu a cada um deles um quarto nessa grande maloca que é a Maloca do Mundo. Os Trovões eram cinco. Nós os chamamos “Avós do Mundo”. O primeiro, como primogênito, recebeu o quarto de chefe. O segundo recebeu o quarto da direita, acima do primeiro. O terceiro recebeu o quarto no alto do “jirau do jabuti”, no lugar onde se costumava guardar o casco de jabuti tocado nos dias especiais de dança. Assim era também na Maloca do Mundo. O quarto Trovão recebeu o quarto da esquerda, acima

do primeiro e em frente ao segundo quarto. Por fim, o quinto recebeu o quarto bem na entrada, perto da porta, onde dormem os hóspedes.

Como disse antes, o mundo terminava em forma de pico. Na ponta do pico, havia um sexto quarto onde estava um morcego enorme que se parecia com um grande gavião. O lugar onde ele estava chama-se “Funil do Alto” (Umusudoro), quer dizer, o “Fim (os confins) do Mundo”.

Cada um recebeu assim o seu quarto nessa grande Maloca do Mundo. Esses mesmos quartos tornaram-se malocas, que se chamam Umuko wi'iri “Malocas do Mundo”. Cada Trovão ficou morando em sua própria maloca. Ainda não havia luz no mundo: Só nessas malocas havia luz, do mesmo modo como na maloca de Yebá Būró. No resto do mundo tudo era ainda escuridão.

Segunda parte:
ORIGEM DA HUMANIDADE

COMO FIZERAM A HUMANIDADE

Yebá Buró disse aos Trovões:

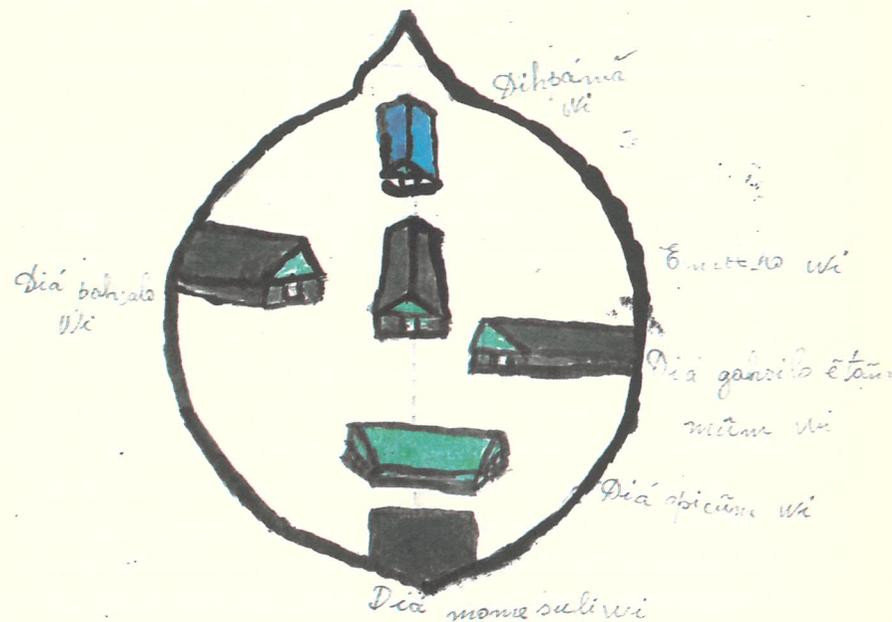
“Gerei vocês para criarem o mundo. Pensem agora como fazer a luz, os rios e a futura humanidade”. Eles responderam que assim o fariam. Mas nada fizeram! Cada qual ficou na sua própria maloca e nem se lembraram do que a Avó do Mundo lhes havia pedido.

As malocas dos cinco Trovões tinham nomes. A do primeiro chama-se Diá apikūm wi “Maloca de Leite” e fica no sul. A do segundo chama-se Diá gahsito ētaūn mūm wi “Maloca da Cachoeira da Casca” e fica no leste, em Tunui cachoeira, no Rio Içana. A maloca do terceiro chama-se Umusī wi “Maloca de Cima” e fica no alto. Esta é a que tinha as riquezas: diversos adornos usados nas danças rituais. Todas estas coisas eram especiais, espirituais. Tudo isto viria a formar a futura humanidade. Foi ao terceiro Trovão que a Avó do Mundo deu todas essas riquezas, assim como o poder de guardá-las. A maloca do quarto Trovão chama-se Diá pahsalo wi² e fica no oeste, no Rio Apaporis, na Colômbia. A maloca do quinto chama-se Diá dihapāmā wi “Maloca da Cabeceira” e fica no norte. O Trovão desta maloca era o último e se chamava Abepōwehku “Anta do Brinco do Sol”. Ele brilhava por si mesmo.

O mundo estava ainda escuro. Vendo que não cumpriram as suas ordens, a Avó do Mundo disse:

“Eu não mandei vocês ficarem parados! Mandei-os fazerem a luz, os rios e a futura humanidade e vocês não fizeram nada”.

2. Palavra intraduzível em português.



Os rios, eles já haviam criado. Só lhes faltava fazer a luz e a futura humanidade. Ouvindo isto, os Trovões resolveram criar a futura humanidade. Realizaram então um grande *dabucuri*³ das frutas da palmeira miriti⁴ com a participação de Yebá Buró. Isto aconteceu na Maloca de Leite. A Avó do Mundo, vendo o que eles iam fazer, veio para guiá-los. Mas a bebida servida, o caapi⁵, era forte demais e, mesmo com a ajuda de Yebá Buró, os Trovões não conseguiram criar a futura humanidade. Um deles saiu da maloca para tentar. Mas ele já estava tonto pela bebida e não podia mais aguentar. Ele saiu vomitando pelo oeste. Aí mesmo, o Trovão endureceu e transformou-se numa grande montanha com todos os seus enfeites.

Vendo que não dava certo, a Avó do Mundo disse:

“Esses não têm jeito mesmo, eles não sabem fazer”.

E voltou outra vez para o lugar dela, na Maloca de Quartzo Branco, também chamada Diá *momesuli wi*, “Maloca dos Favos de Mel”.

COMO APARECEU UM OUTRO SER

Voltando ao seu lugar, a Avó do Mundo disse:

“Não está dando resultado”.

Pensou então em criar um outro ser que pudesse seguir as suas ordens. Tomou ipadu, fumou tabaco e pensou como deveria ser. Enquanto estava pensando, da fumaça mesmo formou-se um ser misterioso que não tinha corpo. Era um ser que não se podia tocar, nem ver. Yebá Buró pegou então o seu pari de defesa

3. *Dabucuri*: uma oferta de alimentos.

4. Buruti (*Mauritia flexuosa* Mart.).

5. Bebida alucinógena preparada a partir do cipó *Banisteriopsis* sp., plantado antigamente nas roças. O cipó era socado num pilão próprio (*gahpipamõrõ*) e o pó resultante, dissolvido na água, era coado numa cumatá (peneira de crivo fino) chamada em desana *siruriye* e servido num pote ou camuti (*gahpisoro*).



(*wereimikaru*) e nele o envolveu. Ela estava agindo como as mulheres quando dão à luz. Depois de tê-lo pego com o seu pari, ela o saudou, dizendo *ᠮᠤᠠᠵᠤᠰᠤᠷᠠᠨᠠᠮᠢ* “Bisneto do Mundo”, ao qual ele respondeu *ᠮᠤᠠᠵᠤᠰᠤᠷᠠᠨᠠᠮᠢ* “Tataravó do Mundo”. Isto ela fez no Quarto de Quartzo Branco.

O nome dele era Yebá *Gõãmã*, quer dizer o “deus da Terra (ou do Mundo)”. Este, que foi criado por Yebá Buró no Quarto de Quartzo Branco, não tinha corpo. Era espírito. A Avó do Mundo disse-lhe:

“Eu mandei os Trovões do Mundo fazerem as camadas da terra, fazerem a futura humanidade, mas eles não souberam fazê-lo. Faça-o você. Eu hei de guiá-lo”.

Ele respondeu que iria fazer. Aceitou a ordem da Yebá Buró. De lá mesmo, do Quarto de Quartzo Branco, onde havia aparecido, ele levantou o seu bastão cerimonial, que se chama em desana *yewãĩgõã* “osso de pajé”, e o fez subir até o cume do Pico do Mundo. Era a força dele que subia. Ali, ele parou.

A CRIAÇÃO DO SOL

A Avó do Mundo, vendo que o bastão estava erguido, cumpriu a sua palavra de guiar o seu bisneto. Ela enfeitou a ponta do bastão com penas amarradas, enfeites próprios deste bastão, masculinos e femininos, e esse adorno ficou brilhando com diversas cores: branco, azul, verde, amarelo. Enfeitou-o ainda com um tipo de brincos ou pingentes, de feição masculina e feminina. Ela fez isso no cume da Pico do Mundo. Com esses enfeites, a ponta do bastão ficou brilhando. Aí, transformou-se, assumindo um rosto humano. E deu luz onde havia escuridão até os confins do mundo. Era Abe, o Sol, que acabava de ser criado. Assim apareceu o Sol. O Sol gira por si mesmo. Na astronomia dos Antigos estes já sabiam que o Sol girava por si mesmo. Isso é a criação do Sol. Feito isso, Yebá Buró cobriu o Sol com um tapume de penugem de arara (*mahãweayuhst*).

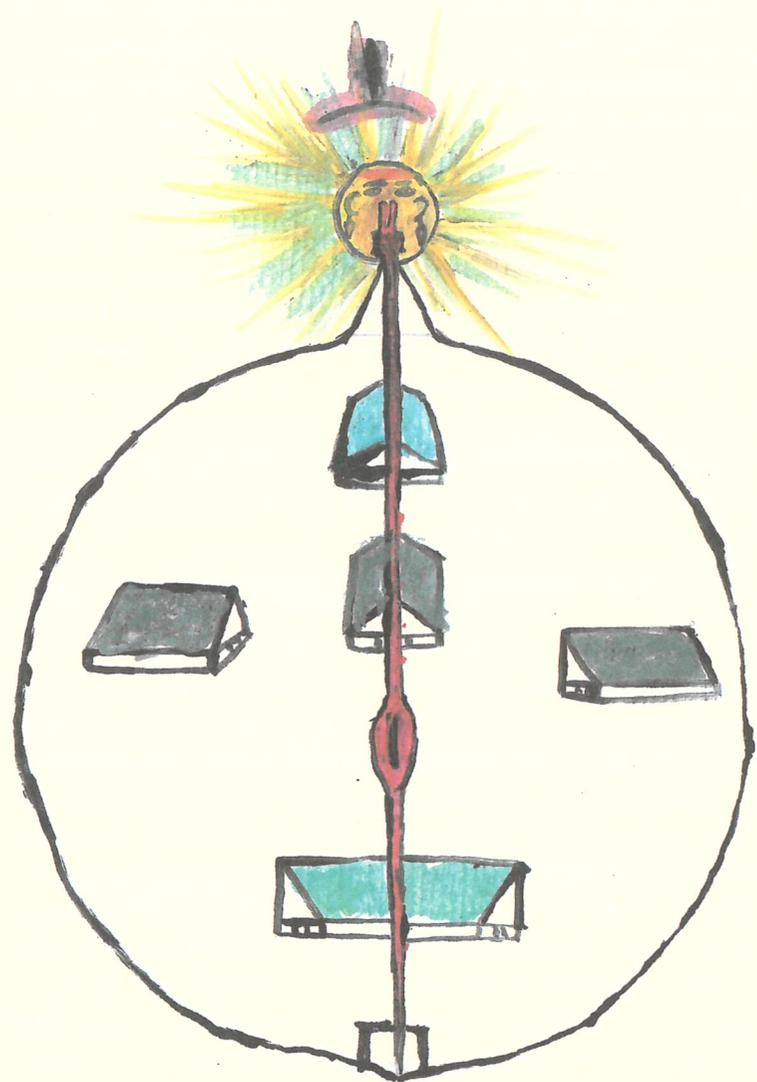
A CRIAÇÃO DA TERRA

Vendo o trabalho do Bisneto do Mundo, os Trovões ficaram enciumados, comentando entre si:

“Nós que somos Homens de Quartzo Branco, nós que fomos os primeiros a ser criados, não conseguimos fazer isto! Como é que esse aparecido, esse espírito que não tem corpo, como é que ele consegue fazer isto? Faremos de sorte que ele não conseguirá!”

Por inveja, queriam destruir o trabalho dele. Só Umukoñehkã não teve inveja do trabalho do Bisneto do Mundo, isto é, o terceiro Trovão. Amansou então os seus irmãos com o alimento deles, que era ipadu e tabaco. Somente disso é que eles viviam! Comendo ipadu, fumando tabaco, eles se amansaram, não ficaram mais com inveja e não incomodaram mais o trabalho do Bisneto do Mundo.

Esse bastão não era como o de nossos dias: ele era especial,

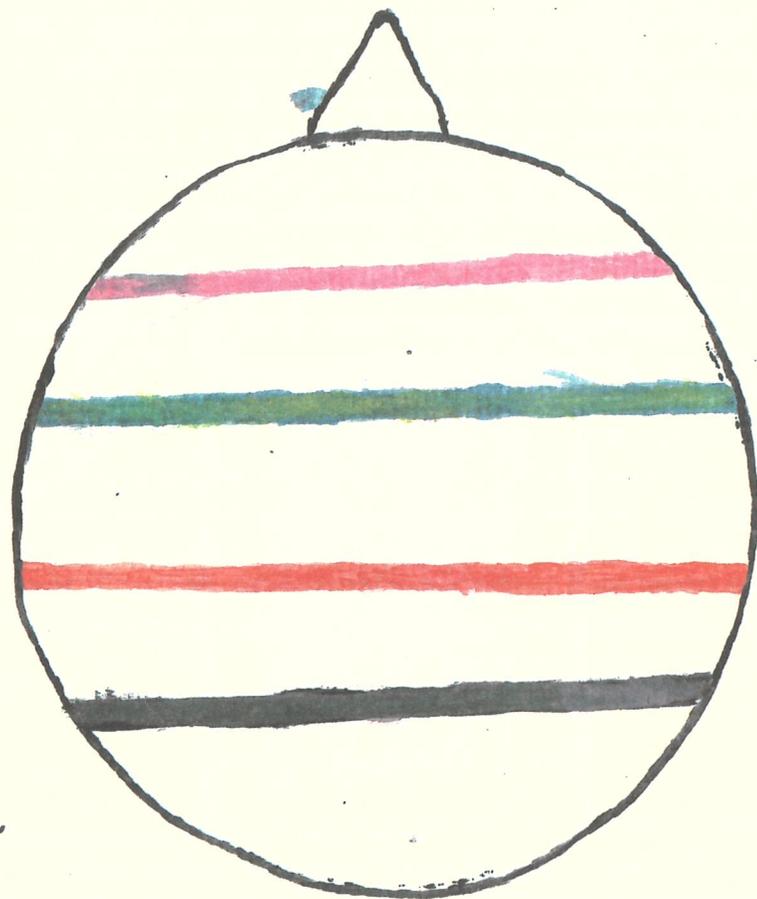


invisível. Todas, as coisas nessa época eram invisíveis: a gente não podia vê-las nem tocá-las. Desde o princípio dessa história, todos os materiais eram invisíveis: o ipadu, o cigarro de tabaco, o bastão cerimonial e todas as outras coisas que eu citei eram invisíveis.

Nesse bastão, chamado “osso de pajé”, ele subiu até a maloca do terceiro Trovão. Antes de subir, porém, ele criou vários paris: o pari de urucu de miriti (*nemohsãimikaru*), o pari de frutas pequenas de miriti (*nemuh̄tār̄imikaru*), o pari de miriti meio amarelo (*nebohoimikaru*), o pari de talos de caraná (*ñapũd̄h̄kaimikaru*). Sustentando-se em cima desses paris que ele criara, subiu no espaço.

Enquanto isso, Yebá Buró tirou do seio esquerdo sementes de tabaco, grãosinhos minúsculos, e os espalhou em cima dos paris. Depois tirou leite, também do seio esquerdo, que ela derramou por cima dessas esteiras. A semente de tabaco era para formar a terra, e o leite, para adubá-la.

O Bisneto do Mundo estava subindo para a Maloca de Cima, cortando e dividindo o espaço em várias camadas. O mundo foi assim dividido em camadas (ou graus) sobrepostos, como o ninho da caba está dividido em vários níveis. O Sol feito por ele já estava iluminando todas essas camadas. Ele estava em cima, bem no alto. Se ele estivesse perto de nós, ele nos queimaria a todos! Portanto, o mundo ficou dividido em graus, em camadas sobrepostas como disse antes. O quarto da Avó do Mundo ficou debaixo de todos esses graus: é o primeiro quarto ou “Quarto de Quartzo Branco” (*ϣtãbohutaribu*). O segundo quarto, acima do primeiro, chama-se “Quarto de Pedras Velhas” (*ϣtãbuhutaribu*). Não se sabe exatamente o que nele existe. O terceiro nível chama-se “Quarto de Tabatinga Amarela” (*Bahsibohotaribu*). É nesse nível que vivemos nós, assim como toda a humanidade. O quarto andar chama-se “Andar dos Brincos do Sol” (*Abepōtaribu*). É este grau que os Antigos chamavam “Nível dos Santos” ou, ainda, “Nível dos Espíritos”. Isso é a história dos Antigos. Acima desse nível está a Maloca de Cima, a do terceiro Trovão. Este é o guardião dos enfeites de penas e dos diversos adornos que os Antigos usavam



para as danças. O Bisneto do Mundo, criando as camadas da terra, estava subindo no espaço, dirigindo-se para a maloca do terceiro Trovão, porque a Avó do Mundo lhe havia dado a ordem de ir lá pedir os enfeites de penas que viriam a ser a futura humanidade.

Quando chegou à maloca do terceiro Trovão, encontrou-a fechada. A maloca era toda de quartzo branco, inclusive a porta, e ninguém podia entrar. Chegando lá, *Umukoñehkũ* começou a acalmar tudo e só então abriu a porta. Se não tivesse feito assim, ele seria morto. No momento em que ele abriu a porta, apareceu *Umukomahsũ Boreka*, o chefe dos Desana. *Boreka* era como o irmão do Bisneto do Mundo. Ingressaram juntos na maloca. Ao entrar, o Bisneto do Mundo exclamou: “Sów!” É uma saudação de quem chega ao dono da maloca. E continuou dizendo:

“*Umukoñehkũrẽ mahsãkarimahsũ*”, isto é, “Eu sou o homem que veio visitar o Avô do Mundo”.

O terceiro Trovão respondeu:

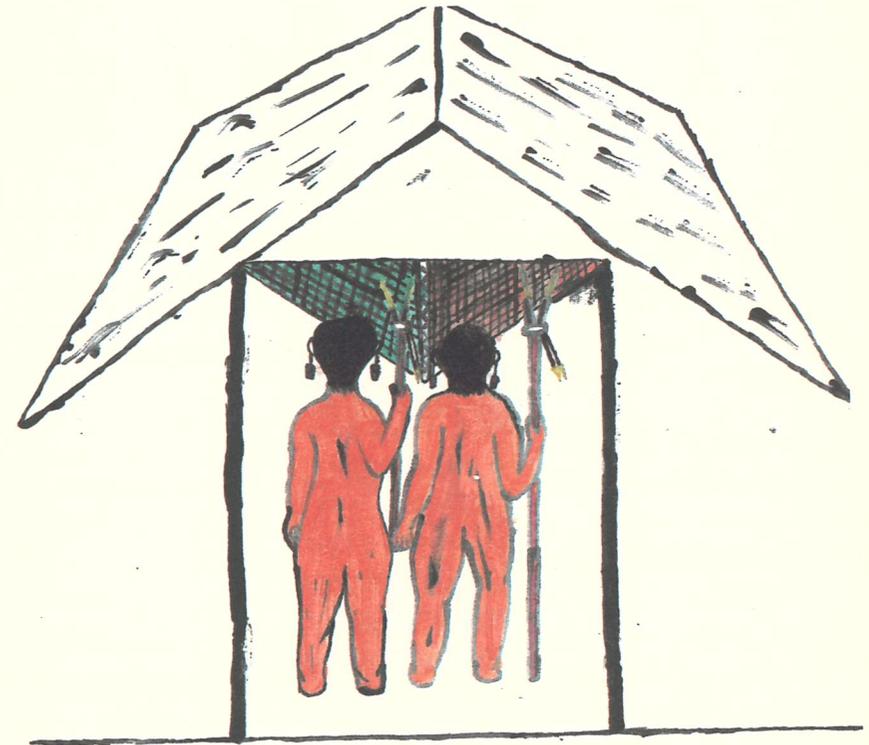
“Sim, Bisneto do Mundo!”

Ele respondeu do fundo da maloca, não veio até a porta para saudá-los. Em primeiro lugar veio o seu cigarro de tabaco, a seguir o ipadu e, em terceiro lugar, o ipadu feito com tapioca. Essas coisas vieram por si mesmas para cumprimentar o Bisneto do Mundo. Vieram uma por uma, chegaram à presença dele, pararam um pouco e voltaram ao quarto do Trovão.

COMO APARECEU A HUMANIDADE

Depois que o cigarro de tabaco e o ipadu voltaram, *Umuko-surãpanami* ficou olhando. Viu muitas riquezas: penas e diversos adornos dos Antigos. A maloca do Trovão lhe pareceu como se fosse um museu! Enquanto ele estava olhando, o Trovão veio cumprimentá-lo. O Bisneto do Mundo disse-lhe então:

“Eu vim aqui porque *Yebá Buró* me mandou pedir-lhe as suas riquezas, ó Avô do Mundo. Por isso é que eu vim aqui!”





O Trovão respondeu:

“Muito bem, meu Bisneto! Eu tenho aqui as riquezas que você quer!”

Dito isto, desceu ao seu quarto, pegou um pari usado como defesa do quarto de chefe e voltou para perto do Bisneto do Mundo. Estendeu então o pari no chão e, com a mão, apertou a sua barriga. Saíram-lhe então pela boca diversas riquezas, que caíram sobre o pari. Eram acangataras e outros enfeites de penas, colares com pedra de quartzo, colares de dentes de onça, placas peitorais, forquilhas para segurar o cigarro de tabaco. Ele fez isso na vista do Bisneto do Mundo. Quando acabou de despejar tudo, o Trovão disse:

“Eis as riquezas, meu Bisneto! Quando voltar lá, você faça assim mesmo!”

E ensinou-lhe os ritos que deveria realizar.

No mesmo instante, todas as riquezas transformaram-se em gente. Eram homens e mulheres que encheram a maloca do terceiro Trovão. Deram uma volta dentro da maloca e tornaram a transformar-se em riquezas. Essas riquezas viriam a ser a futura humanidade. O Trovão disse então:

“Procedam dessa forma quando forem colocar as Malocas de Transformação para criar a futura humanidade”.

E colocou todas as riquezas na mão do Bisneto do Mundo. Na frente da maloca do terceiro Trovão havia um pé de ipadu. O Trovão disse, mostrando-o:

“Aí está um pé de ipadu. Tirem cada um de vocês uma folha nova e engulam-na. Quando sentirem dor de barriga, acendam o seu turi⁶, deixem cair as cinzas do turi dentro de uma cuia de água e, depois, bebam esta água. E tratem de vomitar num só buraco no rio”.

Tiraram então a folha de ipadu e a engoliram. Quando começaram a sentir dor de barriga, eles fizeram como lhes fora dito. Ao vomitar, aí mesmo, apareceram duas mulheres. O seu vômito era como um parto e, dele, surgiram as primeiras mulheres. O Bisneto do Mundo disse ao seu irmão Boreka:

“Puxe-as para fora da água!”

ᠮᠤᠠᠵᠤᠵᠤᠰᠤ Boreka pegou então as duas mulheres pela mão e puxou-as para fora da água, chamando-as “minhas filhas!” Levaram-nas para a maloca do Terceiro Trovão para mostrá-las. O Avô do Mundo disse:

“Muito bem! Façam assim!”

Ele viu que fizeram as coisas direito. O terceiro Trovão disse a ᠮᠤᠠᠵᠤᠵᠤᠰᠤ:

“Eu também vou com vocês levar as minhas riquezas”.

Prometeu ir com eles para ajudar a formar a futura humanidade. Feito isso, o Bisneto do Mundo voltou para o Quarto de Quartzo Branco, onde ele tinha aparecido, com todas as riquezas que havia encontrado no alto e que o terceiro Trovão lhe dera.

Depois ele subiu à superfície da terra para formar a humanidade. Levantou-se num grande lago chamado Diá *ahpikōdih-taru*, isto é, “Lago de Leite”, que deve ser o Oceano. Enquanto ele vinha subindo, o Terceiro Trovão desceu nesse grande lago na forma de uma jibóia gigantesca. A cabeça da cobra se parecia com

6. *Mahpūrīmihi* em desana, madeira ignígera (*Licania* sp.).

a proa de uma canoa. Para eles, parecia uma grande canoa que se chama *Pamũrĩgahsiru*, isto é, “Canoa da Futura Humanidade” ou “Canoa de Transformação”.

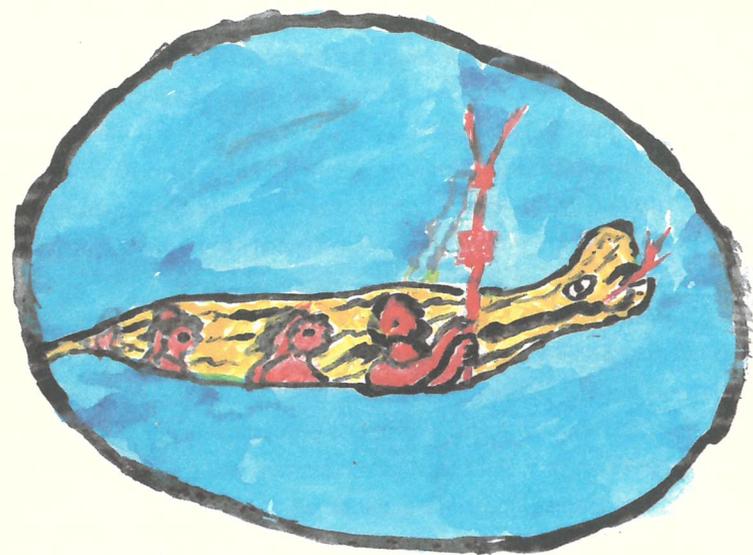
Umukosurãpanami e *Umukomahsũ Boreka*, o chefe dos Desana, vieram como chefes dessa cobra-canoa. Chegaram à maloca do primeiro Trovão, no Lago de Leite. Entraram e agiram segundo as instruções de *Umukoñehkũ*. Aí, repetiu-se o que havia acontecido na Maloca de Cima: os enfeites tornaram-se pessoas, que fizeram um desfile. Deram uma volta dentro da maloca e, depois, voltaram a ser enfeites.

Essa Maloca de Leite está na beira de um grande lago que se chama Lago de Leite, ou seja, o lago de onde surgiu a futura humanidade. As malocas da beira do Rio de Leite (Diá *ahpikun*) foram colocadas pelo Bisneto do Mundo junto com *Boreka*. Essas malocas chamam-se *Pamũrĩwi'ri* “Malocas de Transformação”.

Na frente desse grande lago, na frente da Maloca de Leite, ao seu lado direito, há uma outra maloca que se chama *Wihun wi* “Maloca de Paricá”⁷. Esta maloca foi feita por *Umukomahsũ Boreka* ao surgir com seu irmão nesse grande lago. Foi ele que pensou



7. O paricá, em Língua Geral, é uma espécie de rapé extraído da cortiça de uma árvore chamada *gahsiriwihõgu*, a qual é raspada, cozida e, depois de decantada, secada ao sol. A essas raspas junta-se o pó vermelho de caraiuru (*gũrũyã* em desana). Colocado em pequenas cuias ou no oco da noz de tucum, esse pó era cheirado durante as cerimônias dos pajés. No dia em que cheiravam o paricá, os pajés tomavam um caapi especial, chamado *waigahpi* “caapi de peixe”.



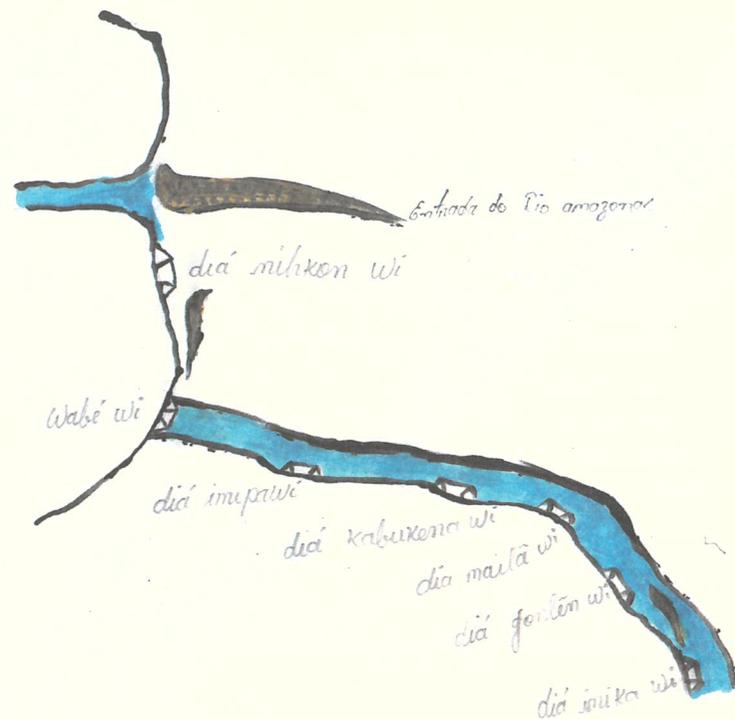
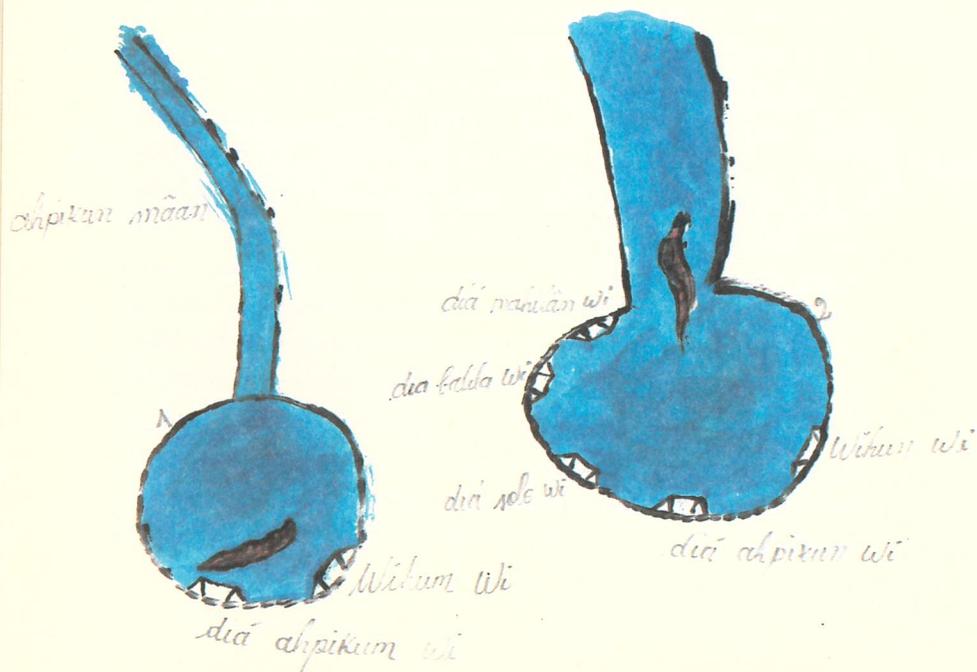
em criar essa grande maloca. Essa maloca é de paricá. *Boreka* ia se tornar um grande pajé, por isso é que ele a criou, mesmo vindo com seu irmão. Por essa razão, a Maloca de Paricá é dele.

Como disse antes, tendo entrado na Maloca de Leite, ele fez como o Avô do Mundo *Ihe* tinha ensinado na Maloca de Cima. Ao sair dessa maloca, o Bisneto do Mundo embarcou de novo com as riquezas na grande Canoa de Transformação. Esta grande Canoa de Transformação era o Terceiro Trovão mesmo, que vinha trazendo as riquezas que viriam a ser a futura humanidade. *Umukosurãpanami* veio de pé, na proa da Canoa de Transformação, com o seu bastão cerimonial. *Umukomahsũ Boreka* estava no centro, dentro da Canoa de Transformação. Os dois eram chefes dessa grande Canoa de Transformação, trazendo as riquezas. Eles subiram pelo lado esquerdo do lago criando Malocas de Transformação. Ao chegarem a uma maloca, eles encostavam, saíam da Canoa de Transformação levando as riquezas e faziam as suas cerimônias. E, em cada maloca, acontecia a mesma coisa: as riquezas transformavam-se em pessoas, com corpo humano, e estavam crescendo.

As primeiras malocas estão na beira do Lago de Leite, em cima da Maloca de Leite. As outras malocas estão localizadas no grande rio que é o Rio de Leite (Ahpikun māan), outras estão nas costas do Brasil, no Rio Amazonas, no Rio Negro, no Rio Uaupés e, por fim, no Rio Tiquié. De um certo ponto, baixaram outra vez, e continuaram subindo pelo Rio Uaupés até a saída por terra em Ipanoré.

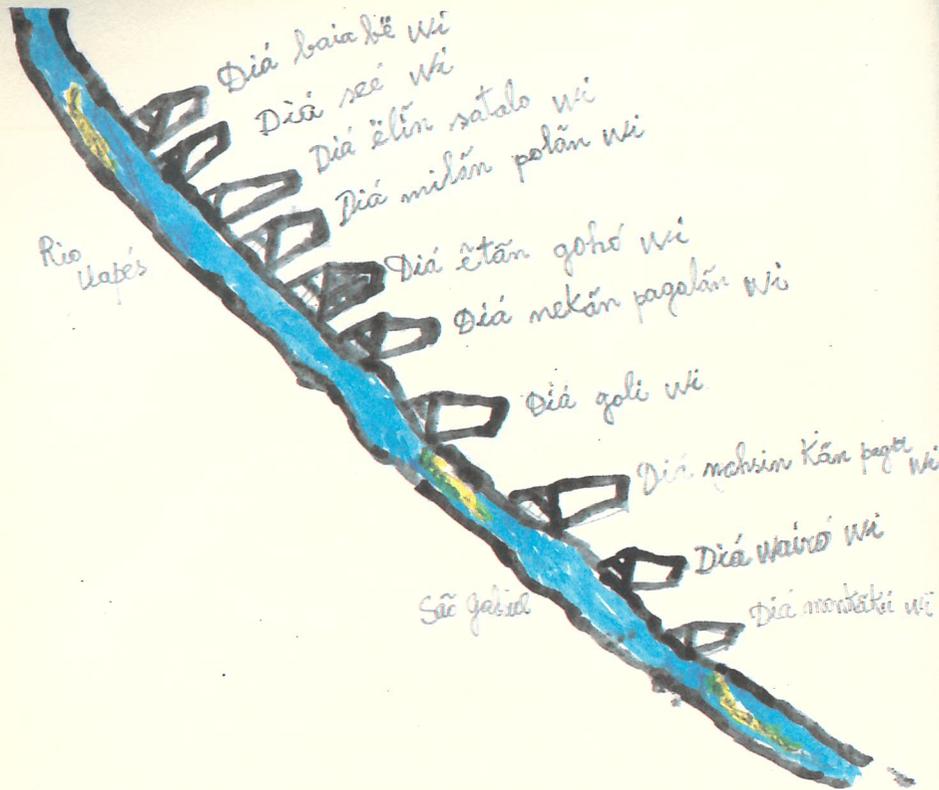
Subindo acima da Maloca de Leite, a Canoa de Transformação chegou à maloca que se chama Diá soto wi "Maloca do Redemoinho". Aí, ela encostou e os dois fizeram uma cerimônia com as riquezas. Esta maloca foi criada por ʔmʔkomahsurāpanami e por ʔmʔkomahsū Boreka. Subindo acima dessa maloca, eles colocaram uma maloca que se chama Diá balita wi "Maloca dos que Engatinham". A futura humanidade tornava-se gente e crescia maloca por maloca, assim como a criancinha cresce ano por ano. Assim mesmo acontecia com eles.

A Canoa de Transformação vinha debaixo da água, como submarino. As malocas também estão debaixo das águas. Tanto é que a humanidade veio como Waimahsā "Gente de Peixe". Chamamos



hoje em dia Waimahsā aqueles que ficaram nessas malocas. Subindo mais acima, colocaram a maloca que se chama Diá mahilan wi "Maloca de Olhar Para Trás". Aí, fizeram cerimônias, como de costume. Essas quatro malocas estão na beira do Lago de Leite, no seu lado esquerdo. Daí subiram o Rio de Leite e chegaram à maloca que se chama Diá tauwi "Maloca da Barragem". Daí subiram e chegaram à 6ª maloca Diá imika wi "Maloca dos Paris". Daí subiram e chegaram à 7ª maloca Diá gōlē wi "Maloca de Caju". Daí subiram e chegaram à 8ª maloca Diá maitā wi⁷. Daí subiram e chegaram à 9ª maloca Diá kabukēnā wi "Maloca do Borbulho na Água". Daí subiram e chegaram à 10ª maloca Diá imipawi "Maloca de Areia". Daí subiram e chegaram à 11ª maloca Diá wabé wi "Maloca dos Escudos". Os velhos contam que essa maloca está na costa do Brasil. Daí subiram e chegaram à 12ª maloca Diá nihkon wi "Maloca da Terra". Também ela está na costa do Brasil.

Continuando a subir, entraram no Rio Amazonas. Chegaram

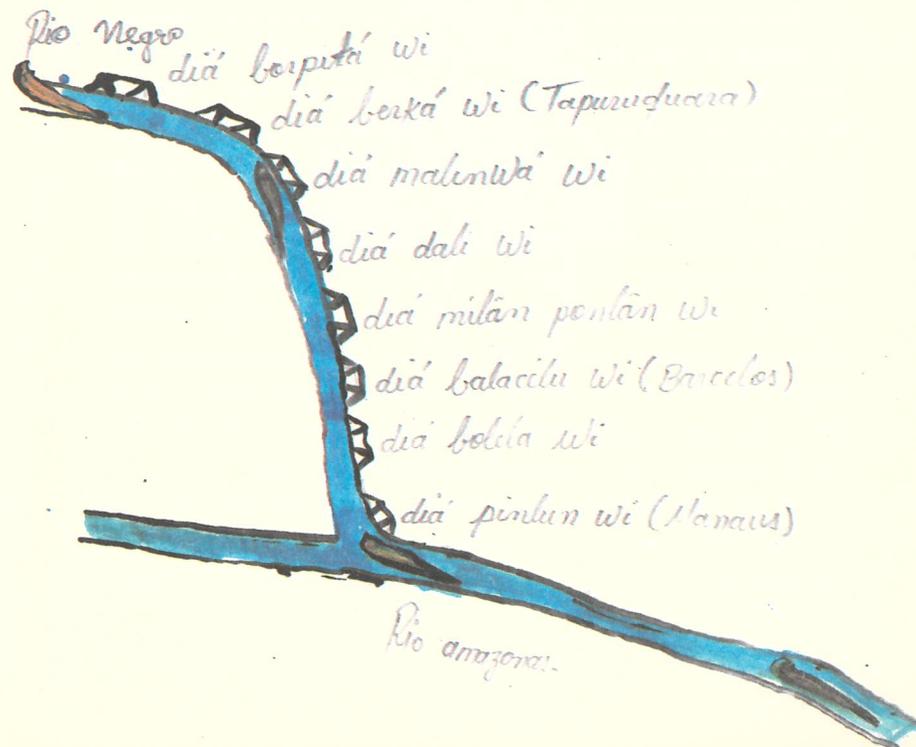


à 13ª maloca Diá pintun wī “Maloca da Cobra”. Os velhos dizem que esta maloca se encontra onde está hoje Manaus. Daí entraram no Rio Negro e chegaram à 14ª maloca chamada Diá botela wī “Maloca de Branqueamento”. Daí subiram e chegaram à 15ª maloca Diá baracelu wī “Maloca de Baracelu”, isto é, Barcelos. Daí subiram e chegaram à 16ª maloca Diá mitān pontān wī “Maloca das Flautas Sagradas”. Daí subiram e chegaram à 17ª maloca Diá dali wī “Maloca das Frutas Uira-pixuna”. Daí, subiram e chegaram à 18ª maloca Diá malinwá wī⁸. Daí subiram e chegaram na 19ª, que se chama Diá behka wī “Maloca dos Tapurus”. Os velhos contam que esta maloca é Tapuruquara. Daí subiram e chegaram na 20ª maloca Diá borpitá wī⁹.

8. Palavra intraduzível em português.

9. Palavra intraduzível em português.

Daí subiram e chegaram à 21ª maloca Diá monkākū wī “Maloca do Sêmen”. Daí subiram e chegaram à 22ª maloca Diá wairō wī “Maloca do Cacuri”. Daí subiram e chegaram à 23ª maloca Diá nahsin kān pagō wī “Maloca do Grande Camarão”. Estas malocas n.ºs 21, 22 e 23 estão em São Gabriel da Cachoeira. Daí vieram subindo e chegaram à 24ª maloca Diá goli wī “Maloca das Flores”. É a atual Ilha das Flores, no Rio Negro. Daí vieram subindo e chegaram na 25ª maloca chamada Diá nekān pagālān wī “Maloca das Grandes Estrelas”. Daí subiram e chegaram à 26ª maloca Diá ētān gohō wī “Maloca dos Desenhos Rupestres”. Situa-se em Itapinima, já no Rio Uaupés. Daí subiram e chegaram à 27ª maloca chamada Diá mitān potān wī “Maloca das Flautas Sagradas”. Daí subiram e chegaram à 28ª maloca Diá ēlīn satalo wī “Maloca da Muda de Pupunha”. Daí subiram e chegaram à 29ª maloca Diá seē wī “Maloca dos Bancos”.



A humanidade já estava formada. Vimos que ela passou por muitas malocas, entrando nelas, transformando-se. Por isso, ela já estava grande.

A Canoa de Transformação continuou a subir e chegaram na 30ª maloca, chamada Diá *baia be wi* “Maloca dos Cantos”. Esta maloca é a principal. Antes de chegar a esta maloca, *Umukosurāpanami* disse:

“A humanidade já está formada. Encontramos-nos na metade da viagem e é tempo de fazê-la falar”.

Ó NASCIMENTO DE *Gahpimahsū* E A ORIGEM DAS LÍNGUAS

Umukomahsū Boreka já havia ultrapassado a Maloca dos Cantos. O Bisneto do Mundo chegou depois dele. Para se comunicar com ele, mandou o seu bastão invisível que tem o nome de “osso de pajé”. O bastão atravessou pelo rio, na frente de *Boreka*. Vendo-o, este baixou para participar da grande cerimônia que o Bisneto do Mundo ia fazer para dar a cada um a sua própria língua: *Desana*, *Tukano*, *Pira-tapuyo*, *Tuyuka*, *Siriano*, *Barasano*, *Baniwa*, *Branco*. Cada um ia receber uma língua própria.

Nessa mesma maloca é que apareceu um ser misterioso chamado *Gahpimahsū*, o Filho do *Caapi*. Quando *Umukosurāpanami* chegou à Maloca dos Cantos, juntamente com o seu irmão *Boreka*, fizeram um rito com cigarro de tabaco e *ipadu* para as duas primeiras mulheres que o Terceiro Trovão criou com o vômito deles. Uma delas mascarou o *ipadu* e a outra fumou o tabaco. Aque-la que fumou o tabaco deu à luz *Gahpimahsū*. A que mascarou *ipadu* deu à luz as araras, *japus* e as outras aves que têm penas coloridas. Assim todos poderiam ter bonitos enfeites de penas.

A primeira mulher, a que fumou o tabaco, teve o filho no dia em que *Umukosurāpanami* distribuiu as línguas às várias tribos. Ao sentir as dores do parto, suas pernas tremeram. Seu tremor

